

MARIA GRAHAM, UMA NARRADORA À MODA ANTIGA

MARIA GRAHAM, AN OLD-FASHIONED NARRATOR

Isadora Eckardt da Silva¹

RESUMO: O presente artigo pretende mostrar como a narradora de *Diário de uma viagem ao Brasil*, escrito pela inglesa Maria Graham, se aproxima daquilo que Walter Benjamin aponta como o narrador por excelência, em seu texto intitulado *O narrador*. *Diário de uma viagem ao Brasil* conta duas viagens feitas ao Brasil por Maria Graham entre os anos de 1821 e 1823, exatamente quando este país estava se tornando independente. Para demonstrar como esta viajante-escritora é esta narradora por excelência, primeiro vou mostrar como Benjamin apresenta este narrador e suas características, para logo após analisar algumas passagens específicas do diário em questão que mostram porque a autora se aproxima deste narrador sobre o qual Benjamin discorre.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Graham, Literatura de Viagem, Narrador.

ABSTRACT: This article intends to show how the narrator of *Journal of a Voyage to Brazil, and Residence There, During Part of the Years 1821, 1822, 1823*, written by the English author Maria Graham, is related to what Walter Benjamin points out as the genuine narrator in his text called *The narrator*. *Journal of a Voyage to Brazil, and Residence There, During Part of the Years 1821, 1822, 1823* gives us an account of two trips to Brazil taken by Maria Graham between the years of 1821 and 1823, exactly when this country was becoming an independent nation. In order to show how Graham can be considered this genuine narrator, first I will write about how Benjamin portrays the narrator and his characteristics, and next I will analyze some specific passages of Graham's diary, which would explain why she can be considered this genuine narrator Benjamin talks about.

KEY-WORDS: Maria Graham, Travel Literature, Narrator.

No texto *O Narrador*, Walter Benjamin contrapõe dois atos diferentes: ler um romance, uma experiência solitária; e narrar uma história, um ato coletivo, no qual se trocam experiências. De acordo com o autor, é cada vez mais raro encontrarmos pessoas que saibam narrar uma história direito, quer seja oralmente, quer seja pela escrita. As pessoas estariam perdendo cada vez mais a faculdade de trocar experiências, e, conseqüentemente, a habilidade de narrar. O ato de narrar uma história requer tempo e ouvintes reunidos para tal, o que o ritmo de trabalho de hoje em dia não mais permite, pois, ao contrário do trabalho dos antigos artesãos, feito com calma, e normalmente em grupo, agora trabalhamos com muito mais pressa, e normalmente sozinhos.

¹ Mestranda em Teoria e História Literária/ Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP; Licenciada em Letras/ Instituto de Letras, UFRGS. Isadora_eckardt@hotmail.com

Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais freqüente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a de trocar experiências. (BENJAMIN, 1983, p. 57)

Em *Diário de uma viagem ao Brasil*², Maria Graham incorpora esta espécie de narrador que parece estar desaparecendo, pois ela acaba por se aproximar de seu leitor ao comunicar-lhe não apenas aquilo que vê, mas também aquilo que sente. Ela parece querer transmitir para o leitor não apenas um relato sobre o Brasil e os mares por onde navega, mas também as suas experiências, aquilo que aprende com elas, e como elas a modificam.

A caminho do Brasil, ao passar pela Ilha da Madeira, mais exatamente pela localidade chamada Funchal, para citar um exemplo, Graham se aproxima de seu leitor ao falar de seu desapontamento em face à pouca emoção que sente ao rever este lugar, lembrando que da primeira vez que o viu, foi presa de viva alegria e curiosidade. Ela indaga sobre esta mudança de sentimentos, perguntando-se se não será ela mesma que terá mudado, ao passo que o lugar continua o mesmo.

Ao passarmos Porto-Santo e as ilhas Desertas, para ancorar em frente do Funchal, fiquei desapontada com a calma de meus próprios sentimentos, contemplando estas ilhas distantes com tão pequena emoção, como se tivesse passado um cabo do canal. Bem me lembro, quando vi Funchal pela primeira vez, há doze anos, da viva alegria com que recreava meus olhos sobre a primeira terra estrangeira de que me aproximava, a curiosidade com que queria ver cada pedra e cada árvore da nova terra, que mantinha minha alma numa espécie de febril alegria.

(...)

Seriam, por acaso, os poucos anos acrescidos a minha idade os responsáveis pela mudança? Ou devo antes esperar que, pelo fato de ter conhecido terras cujos monumentos eram todos históricos e cujas lembranças eram todas poéticas, apurei meu gosto e minha vista? (GRAHAM, 1956, p. 84)

Segundo Benjamin, para a figura deste narrador adquirir plena materialidade, é preciso ter em mente dois grupos de pessoas que trazem consigo a experiência que anda de boca em boca, as quais recheiam todas as histórias contadas: aquele que fica em casa vivendo honestamente de seu trabalho, e que tem as histórias e tradições de sua terra para contar; e aquele que faz uma viagem, que também tem algo para contar, já que vem de longe. Assim, os dois representantes arcaicos dos narradores seriam, então, o lavrador sedentário e o marinheiro mercante.

Sendo o lavrador sedentário o camponês que conta histórias das tradições de onde vive, o seu conhecimento tem uma dimensão vertical, pois ele recupera o tempo, ao contar histórias referentes ao passado de sua terra. O marinheiro mercante, em contrapartida, possui

² Diário de uma viagem ao Brasil conta duas viagens feitas ao Brasil pela inglesa Maria Graham entre os anos de 1821 e 1823, exatamente quando este país estava se tornando independente.

conhecimento de dimensão horizontal, pois ele recupera o espaço, ao narrar histórias sobre os lugares por onde anda.

A experiência que anda de boca em boca é a fonte onde beberam todos os narradores. E, entre os que escreveram histórias, os grandes são aqueles cuja escrita menos se distingue do discurso dos inúmeros narradores anônimos. Entre estes últimos, aliás, há dois grupos que certamente se cruzam de maneiras diversas. Só para quem faz idéia de ambos é que a figura do narrador adquire plena materialidade. Quando alguém faz uma viagem, então tem alguma coisa para contar, diz a voz do povo e imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas não é com menos prazer que se ouve aquele que, vivendo honestamente do seu trabalho, ficou em casa e conhece as histórias e tradições de sua terra. Se se quer presentificar esses dois grupos nos seus representantes arcaicos, então um está encarnado no lavrador sedentário e o outro no marinho mercante. (BENJAMIN, 1983, p. 58)

Maria Graham se enquadraria na classe dos marinheiros mercantes, pois se trata de uma viajante cuja narrativa fala dos lugares por onde passa, e da situação presente destes lugares, reservando poucas linhas para falar do passado e da história destes territórios. Nas mais de trezentas e sessenta páginas de seu diário, menos de oitenta são dedicadas a falar do história passada do Brasil (Introdução), e todo o resto trata do tempo presente, bem como das descrições do nosso espaço, contendo inclusive ilustrações desenhadas pela própria autora. Em uma certa altura da Introdução ela menciona este maior interesse pelo presente, dizendo que, para ela, as ações do agora são mais interessantes que as passadas, apesar de não ser insensível à influência dos dias de antigamente sobre os presentes.

Segundo Graham, nem é possível recuperar a dimensão temporal em uma terra como o Brasil, na qual tudo é novidade, e seus próprios habitantes parecem não se interessar pelo passado. Em uma visita aos arredores de Salvador, ela contrasta nosso país com o Oriente, onde monumentos de arte e ciência nos remetem ao passado, ao passo que aqui, se se olha para o passado, nem há muito o que se ver, e até mesmo a natureza tem um ar de novidade.

Mas há uma nota de novidade em cada coisa aqui, uma falta de interesse em relação ao que já foi, que se sente visivelmente. No máximo podemos ascender ao selvagem despido que devorava seu prisioneiro e se adornava com ossos e penas. No Oriente a imaginação se liberta para divagar pelas grandezas passadas, na sabedoria e na polidez. Monumentos de arte e de ciência encontram-se a cada passo. Aqui, cada coisa, a própria natureza, tem um ar de novidade (...). (GRAHAM, 1956, p. 161)

No entanto, a fim de contemplar a dimensão horizontal de seu conhecimento, a viajante recupera o espaço de várias maneiras diferentes. Seu diário é formado predominantemente por descrições de lugares e de tudo que ela encontra nestas localidades, versando simplesmente sobre paisagens ou o mar, acontecimentos políticos importantes, e até detalhes mais peculiares como o

vestuário das pessoas, riqueza cultural ou a falta desta, costumes à mesa, decoração das casas, festas, etc. Na passagem abaixo, por exemplo, a autora está nos arredores de Recife, e como vem de uma terra de clima frio, conta para seus leitores como é a noite em uma terra tropical. Segundo ela, o período noturno é mais alegre aqui do que na Inglaterra, pois muita gente fica dentro de casa durante o dia devido ao calor, só saindo para a rua à noite, o que tornaria este horário mais movimentado.

A noite sob os trópicos é sempre mais alegre e mais intensa do que entre nós. O calor do dia contém muita gente dentro de casa todo o dia. A tarde e a noite tornam-se os momentos preferidos para passeios. Ao voltarmos pela Boa Vista encontramos muita gente gozando como nós o ar livre, e vagueando sem ter o que fazer diante dos reflexos das casas brancas e das árvores que se balançavam dentro d'água, enquanto os vagalumes, voando de arbusto em arbusto, pareciam fragmentos de estrelas descidos para adornar o luar. (GRAHAM, 1956, p. 141)

Um outro traço característico deste narrador nato, para Walter Benjamin, seria a orientação para o interesse prático, ou seja, o narrador é alguém que dá conselhos. Uma narrativa verdadeira carrega consigo, implícita ou explicitamente, uma lição de moral, um conselho de ordem prática ou simplesmente um ditado. Assim, se a arte de narrar está se perdendo cada vez mais, também se perde a arte de aconselhar, já que o conselho não seria uma resposta, e sim uma proposta de continuação de uma história. Para podermos receber um conselho, teríamos que saber narrar.

Tudo aponta para a relação que isso mantém com qualquer narrativa verdadeira. Clara ou oculta, ela carrega consigo a sua utilidade. Esta pode consistir ora numa lição de moral, ora numa indicação prática, ora num ditado ou norma de vida – em qualquer caso o narrador é um homem que dá conselhos ao ouvinte. (...) O conselho é de fato menos resposta a uma pergunta do que uma proposta que diz respeito à continuidade de uma história que se desenvolve agora. Para recebê-lo seria necessário, primeiro de tudo, saber narrá-la. (Sem levar em conta que uma pessoa só se abre a um conselho na medida em que verbaliza sua situação.) O conselho, entretido na matéria da vida vivida, é sabedoria. (BENJAMIN, 1983, p 59)

Em inúmeras passagens de seu diário, Maria Graham aproveita para aconselhar seus leitores sobre os mais variados assuntos, indo desde a busca do homem por riqueza e poder, fama, literatura e lazer, até sobre o que seria a verdade, entre outros. Ela dá seus conselhos aproveitando o ensejo que certas ocasiões lhe dão, através de divagações inseridas na narração. Um bom exemplo disto é quando, ainda na Introdução do diário, a narradora fala da corrida pelo ouro em Minas Gerais. Ela usa esta passagem da história brasileira para discorrer sobre a busca do homem por riqueza e poder, e fala de como aqueles que vão em busca dos metais preciosos

são mal vistos, ao passo que aqueles que obtém sucesso nesta busca são admirados e vistos como heróis.

Grandes males sofreram os primeiros aventureiros mineiros, pois tantas mãos se empregaram na busca do ouro que ficaram muito poucas para cultivar o solo e prover às necessidades da vida. No entanto, essa sede insaciável de ouro é o estímulo que tem conduzido os homens a empreendimentos úteis e honrados. Não é o amor do metal, mas a posse dele que confere o poder, e este é o verdadeiro objetivo da maior parte das ambições humanas e também de todas as nações, e, como tal, é aceito como legítimo. Julgamos miseráveis ou malvados os que procuram os meios, mas admiramos os que alcançam o fim. Há uma tendência tanto por parte dos filósofos da História como dos poetas em condenarem o primeiro homem que extraiu o minério da mina. Mas haverá sempre um panegírico em prosa e verso para o herói ou para o homem de negócios. (GRAHAM, 1956, p. 36)

Ela prossegue o texto ainda dizendo que foi o ouro que forneceu meios para as grandes conquistas capitalistas, e fala sobre o sacrifício da vida humana na busca pelo ouro. Fala também sobre outros empreendimentos (guerras civis e lutas religiosas) que teriam sacrificado ainda mais vidas do que a busca pelo ouro, e de como os descobridores do ouro enfrentaram diversas dificuldades em suas investidas, dizendo que devemos fazer-lhes justiça. A narradora parece querer aconselhar seus leitores sobre como julgar estes homens, ou sobre o que os leva a esta incrível caçada ao poder, talvez até mesmo fazê-los ver não só o lado ruim, mas também o lado bom destes homens.

Além de dar conselhos, este narrador nato não lidava com informações verificáveis, tal como um jornalista, pois o espírito da narrativa lida com a notícia que vem de longe, quer seja a distância temporal da tradição, ou a distância espacial de terras estranhas. Sendo assim, esta distância impede que a veracidade das notícias deste narrador seja comprovada, o que seria incompatível com a forma de comunicação dos dias de hoje: a informação.

Villemessant, o fundador do *Figaro*, caracterizou numa fórmula famosa a essência da informação. “Para meus leitores, costumava dizer, um incêndio de sótão no Quartier Latin é mais importante do que uma revolução em Madri.” De um só golpe isso torna claro que o que mais atrai a audiência, agora, já não é a notícia que vem de longe, mas a informação que oferece um ponto de apoio para o que é mais próximo. A notícia que vinha da distância – fosse ela a distância espacial de terras estranhas ou a temporal da tradição – dispunha de uma autoridade que lhe conferia validade, mesmo nos casos onde não era submetida a controle. A informação, porém, coloca a exigência de pronta verificabilidade. (...) Com isso ela mostra ser incompatível com o espírito da narrativa. (BENJAMIN, 1983, p. 61)

Maria Graham mostra, então, ter mais uma característica deste narrador do qual fala Benjamin, pois as notícias de seu relato são de lugares muito distantes já que ela fala de terras

brasileiras para pessoas que estão na Europa, como ela mesma diz, ao falar da beleza das mulheres presentes na corte brasileira: “(...) não é possível enumerar todas as riquezas ou belezas presentes, nem interessaria aos meus amigos ingleses, para quem este jornal é escrito, se eu o pudesse fazer.” (GRAHAM, 1956, p. 359 e 360) Ou seja, além da distância propriamente dita, devemos considerar o fato de que tanto as viagens, quanto a circulação de notícias eram processos lentos e muitas vezes confusos no século XIX.

Tanto é que a autora manifesta verbalmente a sua preocupação com a verdade (ou inverdade) daquilo que narra. Tendo em mente esta não verificabilidade das notícias que transmite, ela mesma explica isto aos seus leitores no *Prefácio da Autora* de seu diário. Segundo ela, muito daquilo que diz é de natureza pessoal, porém honesto. Além disto, ela também adverte o leitor sobre a possível deturpação dos fatos dependendo das fontes que lhe forneceram os dados ali registrados. Enfim, a narradora diz que, se ali não houver *toda a verdade*, haverá, pelo menos, *a verdade*.

Talvez restem ainda demasiadas referências de natureza pessoal, mas o que aí fica dito é, pelo menos, honesto. Se a autora tiver que pagar pessoalmente pela sua sinceridade sofrerá com satisfação.

(...)

Alguns fatos foram sem dúvida deformados pelas fontes interessadas através das quais chegaram ao público; outros, pela ignorância dos informantes; e a maior parte pelo espírito partidário, que encara sempre, ora com entusiasmo, ora com malevolência, a conquista da liberdade em qualquer parte do globo.

A autora não tem pretensões à perfeita imparcialidade, pois nem sempre esta significa virtude. (GRAHAM, 1956, p. XV)

Além da verificabilidade, Benjamin aponta mais uma peculiaridade da informação: estar comprometida com o momento. Isto é, assim que perde seu caráter de novidade, também perde o seu valor. Com a narrativa é diferente, pois esta não se perde no tempo, conservando a sua força e sendo capaz de desdobramentos mesmo depois de muito tempo. É o caso de *Diário de uma viagem ao Brasil*, escrito no século XIX, e ainda despertando curiosidade agora, no século XXI. A leitura do diário ainda é possível, ainda entendemos a relevância das aventuras vividas por Maria Graham, que presenciou e narrou fatos importantes da história brasileira.

O mérito da informação reduz-se ao instante em que era nova. Vive apenas nesse instante, precisa entregar-se inteiramente a ele, e, sem perda de tempo, comprometer-se com ele. Com a narrativa é diferente: ela não se exaure. Conserva coesa a sua força e é capaz de desdobramento mesmo depois de passado muito tempo. (BENJAMIN, 1983, p. 62)

Ao elencar as características do legítimo narrador, Benjamin também diz que ele põe a sua marca na coisa narrada, ou seja, a narrativa não pretende transmitir um relatório puro, mas mergulha a história narrada na vida do narrador. A arte de narrar seria semelhante à atividade artesanal, pois assim como o artesão põe nos seus produtos a sua marca pessoal, também o narrador põe em suas histórias a sua própria marca. Segundo o autor, a narrativa

(...) é ela própria algo parecido a uma forma artesanal de comunicação. Não pretende transmitir o puro “em si” da coisa, como uma informação ou um relatório. Mergulha a coisa na vida de quem relata, a fim de extraí-la outra vez dela. É assim que se adere à narrativa a marca de quem narra, como à tigela de barro a marca das mãos do oleiro. (BENJAMIN, 1983, p. 62 e 63)

Graham é esta espécie de artesã à medida que recheia seu texto com referências pessoais, como já foi mencionado neste trabalho quando falamos no *Prefácio da Autora*. Essas referências aparecem no texto de maneira concreta nos adjetivos que a narradora geralmente usa. Se prestarmos atenção, veremos que, muitos deles são de ordem subjetiva, ou seja, não há como medir o seu valor objetivamente, pois cada pessoa que o usa, atribui a ele o seu próprio valor, o seu próprio ponto de vista. Quando se deu o “dia do fico”, por exemplo, ela não foi à cidade, permaneceu em seu navio. Porém, dali ela observa a iluminação especial da cidade para comemorar a ocasião, e ao descrever a paisagem, dá o seu toque pessoal ao usar palavras tais como “belo”, “encantados” e “brilhantes”.

E tudo na cidade, que estava brilhantemente iluminada, correu na maior harmonia. Não há nada mais belo no gênero do que tal iluminação vista do mar. Os numerosos fortes à entrada do porto, nas ilhas e na cidade, ficam cada um com suas fachadas desenhadas em luz; tornam-se assim castelos encantados de fogo, e as luzes espalhadas da cidade e dos vilarejos ligam-nos com um milhão de brilhantes correntes. (GRAHAM, 1956, p. 199 e 200)

Isto nos leva a observar mais um aspecto importante apontado por Benjamin: o contraste que ele considera haver entre a explicação e a interpretação. De acordo com ele, o historiador, aquele que *escreve* História, está obrigado a dar explicações objetivas e plausíveis de tudo aquilo que escreve, não pode simplesmente apresentar os fatos ao leitor. Entretanto, o cronista, aquele que *narra* História, não carrega em seus ombros o peso das explicações demonstráveis objetivamente. Ao invés da explicação, o cronista faz uso da interpretação, que não está comprometida com o encadeamento preciso dos acontecimentos, e sim com a maneira do próprio cronista de enquadrá-los no fluxo do universo.

(...) a diferença que há entre aquele que *escreve* História, o historiador, e aquele que a *narra*, o cronista. O historiador está obrigado a explicar, de uma maneira ou de outra, os incidentes de que trata; não pode, em circunstância alguma, contentar-se em apresentá-los como peças exemplares do mundo. Mas é exatamente isso que o cronista faz, com ênfase especial nos seus representantes clássicos, os cronistas da Idade Média, precursores dos historiadores modernos. Na medida em que eles subordinavam a historiografia ao plano divino da salvação, que é imperscrutável, livravam-se de antemão do peso da explicação demonstrável. Entra em seu lugar a interpretação, que nada tem a ver com o encadeamento preciso dos acontecimentos, mas com a maneira de enquadrá-los no curso insondável do universo. (BENJAMIN, 1983, p. 65)

Maria Graham seria então uma cronista e não uma historiadora, já que ela apenas presencia os fatos e os submete, não ao plano divino da salvação, como os cronistas da Idade Média, mas aos seus próprios sentimentos, a sua própria maneira de enquadrá-los no curso dos acontecimentos. No prefácio de seu diário, ela mesma reconhece as suas limitações ao tentar fixar o encadeamento dos fatos por ela presenciados. Não considera seu livro como História, mas sim um diário que a entreteve em momentos tristes e solitários, e espera não trazer aborrecimentos a ninguém, caso tenha havido algum engano de sua parte, o que também a dispensa de maiores compromissos com a veracidade daquilo que narra.

Não é com pequena ansiedade que este *Diário* é lançado ao mundo. Espero que desperte interesse pelo país, tornando-o mais bem conhecido. Talvez a autora tenha sobre-estimado sua capacidade, ao tentar fixar o curso de um acontecimento tão importante como a emancipação de tamanho império do domínio da mãe-pátria. A falta de saúde, entretanto, e, às vezes, a falta de disposição, impediram a autora de utilizar-se de todos os meios que podiam ter sido postos a seu alcance para aperfeiçoar seus conhecimentos. Espera, entretanto, que não tenha havido enganos de maior importância e que o *Diário*, cuja composição a entreteve em muitas horas de solidão e tristeza, não traga aborrecimento algum a quem quer que seja. (GRAHAM, 1956, p. XVII)

Benjamin ainda contrasta o fim do romance com o fim da narrativa, argumentando que o “sentido da vida” é o que o romance busca, e que, assim que este sentido é alcançado o romance deve terminar, sem poder dar nem mais um passo a frente. Se o sentido da vida de alguém só se manifesta com sua morte, e o leitor do romance procura alguém em quem possa ler o sentido da vida, o fim do romance é, de uma certa forma, uma morte figurada. Esta busca é que nutre o interesse do leitor pela ação do romance.

A narrativa, ao contrário, é perfeitamente harmoniosa com a pergunta “como continuou?”, pois contar uma história é uma tentativa de burlar a finitude, já que este ato mantém a tradição viva. Uma história sempre pode se encaixar em outra, e em outra, e continuar infinitamente.

Na realidade não há narrativa alguma em que a pergunta: como continuou? pudesse perder o seu direito. O romance, ao contrário, não pode alimentar a esperança de dar o mínimo passo além daquele limite em que, convidando o leitor a captar intuitivamente o sentido da vida, convida-o também a escrever um “Finis” embaixo da última página. (BENJAMIN, 1983, p. 68)

Não só *Diário de uma viagem ao Brasil*, mas também os demais diários de viagem de Maria Graham seriam então narrativas, pois ao seu final podemos perguntar como continuaram suas histórias, qual é sua próxima viagem, para onde ela foi depois, o que fez, etc. No referido diário mesmo, encontramos referências à próxima viagem ao Brasil feita pela autora em 1824, a fim de ser professora da Princesa Maria da Glória, citando até mesmo os livros em que a viajante conta esta outra jornada: *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina e cartas anexas e Escorço Biográfico de Dom Pedro I, com uma notícia do Brasil e do Rio de Janeiro*.

Além de contrastar o fim do romance e o fim da narrativa, Benjamin também contrasta o leitor do romance e o leitor da narrativa. Aquele é um leitor solitário, pois em sua solidão ele se apodera da matéria do romance ainda mais vorazmente, já que a tensão do romance é como o vento que anima o fogo na lareira, animando assim a sua vida. Já quem ouve uma história, está na companhia do narrador, e mesmo quem lê tem esta companhia. Narrador e leitor estão sempre próximos: “Quem ouve uma história está na companhia do narrador; mesmo quem lê, participa dessa companhia. Mas o leitor de um romance é solitário.” (BENJAMIN, 1983, p. 68)

Como já dito anteriormente, Graham estabelece esta proximidade com seu leitor pelo fato de comunicar seus sentimentos. Ao ler seu texto, não temos notícia apenas daquilo que aconteceu no Brasil quando ela o visitou, mas viemos a saber também o que ela sentiu e como ela viu e interpretou estes acontecimentos, bem como passagens com fatos de ordem pessoal que entremeiam seu texto. Um exemplo pertinente disto (além daquele já citado, de quando ela passa pelo Funchal) é quando ela chega ao Chile em 1822, pois seu marido, Thomas Graham, morre. Ela fala do tormento que foram os dias que precederam sua morte, bem como do seu sentimento de solidão e desamparo ao se ver viúva e só em outro continente, longe de sua família.

Chegamos hoje à costa do Chile. Continuei a escrever meu diário regularmente, mas ainda que perto de dois anos tenham se passado desde que o escrevi, não tenho ânimo para copiá-lo. O de 3 de abril em diante tornou-se o registro de um agudo tormento. De minha parte esperanças e temores alternados através de dias e noites de escuridão e tempestades, que agravam a desgraça dessas horas desgraçadas. Na noite de 9 de abril, pude despir-me, e ir para a cama pela primeira vez desde que deixei o Rio de Janeiro. Estava tudo acabado; dormi longamente e descansei; quando acordei foi para tomar consciência de que estava só, e viúva, com um hemisfério entre mim e meus parentes. (GRAHAM, 1956, p. 231 e 232)

Por fim, este narrador nato do qual fala Benjamin é aquele que narra sua própria vida, bebendo não apenas da própria experiência, mas também da experiência dos outros, a qual assimila para si mesmo ao ouvir outras histórias. A grande habilidade deste narrador não é simplesmente saber narrar qualquer história com destreza, mas sim saber narrar a sua própria vida, ela inteira.

(...) o narrador entra na categoria dos professores e dos sábios. Ele dá conselho – não como provérbio: para alguns casos – mas como o sábio: para muitos. Pois lhe é dado recorrer a toda uma vida. (Uma vida, aliás, que abarca não só a própria experiência, mas também a dos outros. Àquilo que é mais próprio do narrador acrescenta-se também o que ele aprendeu ouvindo.) Seu talento consiste em saber narrar sua vida; sua dignidade em narrá-la *inteira*. O narrador é o homem que poderia deixar a mecha de sua vida consumir-se integralmente no fogo brando de sua narrativa. (BENJAMIN, 1983, p. 74)

Maria Graham, narrando não apenas como se deu a independência no Brasil, ou as paisagens e costumes deste país, mas também o que vivenciou ao presenciar todas estas coisas, se enquadra neste classe de narradores que usam a matéria da própria vivência para compôr suas histórias.

Referências Bibliográficas:

BENJAMIN, W. **O Narrador**. In: **Textos Escolhidos**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1983.

GRAHAM, M. **Diário de uma viagem ao Brasil**. São Paulo: São Paulo Editora S/A, 1956.